

O LIVRO DE SALMOS: Literatura e análise do Salmo 91

Florestina Cândida Rocha Giraldi¹

João Pedro dos Reis Bessa²

Samuel Marques Campos³

Ulicélio Valente de Oliveira⁴

RESUMO: O presente artigo visa fazer uma análise do Salmo 91, quanto aos seus aspectos literários, teológicos e interpretativos, evidenciando sua importância para o crescimento espiritual e devocional do cristão. A metodologia da pesquisa foi a bibliográfica. A contextualização e características do livro de salmos foi apresentada nesta pesquisa, como também a poesia hebraica para melhor compreensão do gênero literário. Foram enfatizadas questões interpretativa dos salmos. Os dezesseis versículos do Salmo 91 foram interpretados através de autores clássicos da teologia bíblica. O estudo ressalta que a interpretação responsável e bíblica é essencial para prevenir distorções doutrinárias e preservar o verdadeiro e real significado da Palavra de Deus. Este artigo reafirma quão relevante é o Livro dos Salmos para os cristãos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Salmo 91; Poesia hebraica; Hermenêutica bíblica.

ABSTRACT: This article aims to analyze Psalm 91, considering its literary, theological, and interpretative aspects, highlighting its importance for the spiritual and devotional growth of Christians. The research methodology was bibliographic. The contextualization and characteristics of the book of Psalms were presented in this research, as well as Hebrew poetry for a better understanding of the literary genre. Interpretative issues of the psalms were emphasized. The sixteen verses of Psalm 91 were interpreted through classical authors of biblical theology. The study emphasizes that responsible and biblical interpretation is essential to prevent doctrinal distortions and preserve the true and real meaning of the Word of God. This article reaffirms how relevant the Book of Psalms is for contemporary Christians.

KEYWORDS: Psalm 91; Hebrew poetry; Biblical hermeneutics.

¹ Graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Mestrado Internacional em Teologia pela Ivy Enber Christian University, Florida, EUA. E-mail: florgiraldi51@gmail.com, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8688438158321209>.

² Graduando em Teologia na Faculdade Batista Equatorial (FABAE) em Belém/PA. E-mail: joao.bessa@fatebe.edu.br

³ Doutor em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia da Religião (PPGSA-UFGA), Mestre em Ciências da Religião (PPGCR-UEPA). Docente acadêmico, coordenador de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade Batista Equatorial (FABAE). E-mail: samuel.campos@seminarioequatorial.com.br.

⁴ Graduado e Especialista em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Licenciado em História pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Atualmente é aluno do Programa de Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Coordenador Acadêmico na Faculdade Teológica Batista Equatorial. E-mail: uli.celiovalente@hotmail.com, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5184157147063224> e ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0002-0770-2809>.

Introdução

O livro dos Salmos marcou a adoração dos judeus e vem marcando a dos cristãos por séculos. Seus versos inspiraram orações e a criação de músicas que comunicam as verdades divinas para seus ouvintes. Dentre os 150 salmos escritos na Bíblia Sagrada, houve por parte dos autores desse artigo, o interesse do estudo do salmo 91, sendo este um dos salmos mais popularmente conhecidos e recitados tanto por cristãos quanto por não cristãos. É importante salientar que uma porção do texto sagrado, retirada fora do seu contexto, pode causar sérios problemas interpretativos. Exemplificando a tentação de Jesus por satanás após jejum de 40 dias registrado no Evangelho de Mateus 4.1-11. Satanás tenta manipular o Salvador induzindo-o a jogar-se de um pináculo e, para isso, utilizou dois versos do Salmo 91. Por isso, a busca de uma análise mais aprofundada desse salmo e sua literatura é necessária para que haja um correto entendimento do que dizem as Escrituras no salmo e para que haja crescimento da vida espiritual de cada servo de Deus.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica em livros, artigos, sites e dicionário internacional de teologia. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002).

O artigo procurou fazer uma breve introdução sobre o Livro de Salmos quanto: tradição hebraica, divisão e classificação do mesmo. Discorreu sobre o gênero literário que é enquadrado no gênero de poesia. A construção da poesia hebraica está focada no entrelaçamento de ideias, denominado paralelismo. Três tipos de paralelismos foram citados: sinônimo, antitético e sintético. Mencionou-se outros elementos para a compreensão da poesia hebraica como: concisão, concretude e imagística. Além de outras características como, salmos acrósticos e o inclusio, que é a construção de um salmo iniciando e terminando da mesma forma. E, por fim, os arranjos quiásticos onde as informações do texto poético estão cruzadas.

Quanto as questões interpretativas dos salmos, os autores Fee e Stuart, ensinam sobre a significância do estudo de cada salmo, como uma unidade textual, onde os versículos pertinentes a cada salmo não devem ser fragmentados. Ressaltam também que não é sensato tratar a linguagem salmística com literalidade excessiva. Houve a busca nesse artigo da interpretação dos 16 versículos do salmo 91. A pesquisa nas fontes de Calvino, Kidner, Mattheew Henry e Lasor trouxeram luz ao entendimento desse maravilhoso salmo.

O estudo aplicado, consistente e adequado do Livro de Salmos, como qualquer livro da Bíblia Sagrada, é importantíssimo para evitar interpretações equivocadas, erros doutrinários e até mesmo heresias que distorcem o verdadeiro significado da Palavra de Deus. Daí a relevância

de artigos científicos e livros que abordem com zelo, temor, seriedade e responsabilidade o texto sagrado. É desejo dos autores deste artigo, que oram, para que vários estudos sejam realizados contribuindo para o avanço do conhecimento dos saltérios. Conforme Waltke: “das 283 citações diretas do Antigo Testamento no Novo Testamento, 116 (41%) são do saltério. Jesus Cristo aludiu aos Salmos mais de cinquenta vezes (Lc 24.44)” (Waltke; Houston; Moore, 2015, p. 120). Esta evidência torna o Livro de Salmos o mais citado e utilizado pelos autores do Novo Testamento, demonstrando a relevância deste livro.

1. O livro de Salmos

Na tradição hebraica o livro de Salmos está dentro da seção chamada *ketubin*, os Escritos - parte da Bíblia hebraica composta pelos livros de Rute, Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares, Lamentações e Daniel - sendo chamado de *tehillim*, que significa ‘louvores’ (Won, 2020, p. 198-206). O termo Salmo tem origem grega e está relacionada com as palavras *psalmos* e *psallo*. A palavra *psallo* era utilizada no Grego Clássico para referir-se ao ato de tanger uma corda ou tocar um instrumento de corda, como a harpa. Já o termo *psalmos* era relacionado com o som que era produzido pelo instrumento tocado. Elas são utilizadas para traduzir os termos hebraicos que estão relacionados com som (*mizmor*) e cântico (*sir*), e trazem a ideia de que os Salmos eram músicas cantadas com, ou sem, o acompanhamento de instrumentos musicais (Coenen; Brown, 2007, p. 271-273).

Por mais que não esteja tão aparente nas Bíblias em geral, o livro de salmos possui uma divisão de cinco seções, ou cinco livros: o Livro 1 vai do salmo 1 ao 41; o Livro 2, do 42 ao 72; o Livro 3, do 73 ao 89; o Livro 4, do 90 ao 106; o Livro 5, do 107 ao 150, sendo que cada uma das seções termina de maneira doxológica (Won, 2020, p. 207), como, por exemplo, o Salmo 41.13: “Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel, de eternidade a eternidade! Amém e amém!” (Bíblia, 2024).

Os salmos podem ser classificados de acordo com o estilo literário que é empregado em suas construções. Os estilos literários são obtidos a partir de um “grupo de textos que compartilham características em comum”⁵, ou seja, nos salmos existem características que podem ser analisadas e classificadas para agrupá-los em diferentes categorias. Segundo Lasor, Hubbard e Bush, quem lançou bases para esse entendimento foi Hermann Gunkel - partindo de

⁵ FUTATO, Mark D. Salmos. In: VAN PELT, Miles V. (Org.). **Introdução bíblico-teológica ao Antigo Testamento**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2024, p. 558.

algumas premissas lógicas para criar as categorias em que os salmos podem ser agrupados - e, baseados nas construções de Gunkel, os autores apresentam algumas formas literárias encontradas nos salmos: os hinos, salmos que possuem o enfoque na adoração ao Senhor, sendo uma expressão da alegria e desejo do povo em estar diante de Deus (e.g., Sl 105); as queixas do povo, salmos que demonstram as orações do povo por conta das catástrofes que atingem a nação e trazem características de invocar a Deus pedindo por socorro, lembrando das Suas obras salvíficas e confiando no resgate que vem do Senhor (e.g., Sl 44); as queixas individuais, salmos semelhantes aos de queixas nacionais, mas que estão voltados para as questões que envolvem um indivíduo (e.g., Sl 22); cânticos pessoais e de ação de graças, salmos dedicados ao agradecimento por ter a petição ouvida por Deus (e.g., Sl 116); salmos reais, grupos de salmos que concentram-se na figura do rei de Israel, tratando do rei no período pré-exílico (e.g., Sl 45); salmos de sabedoria, são aqueles que fazem uso da língua e do estilo da literatura de sabedoria com a intenção direta de instruir (e.g., Sl 127) (Lasor; Hubbard; Bush, 2002, p. 467-468).

Dentre todos os estilos que são possíveis de achar no livro de salmos, Futato afirma que três destacam-se: o hino, o lamento e o cântico de ação de graças (Futato apud Van Pelt, 2024, p. 558). Eles estariam ligados intimamente com a humanidade, pois trazem à tona três grandes movimentações da vida do indivíduo, a saber: a expressão de louvor do homem para com Deus quando tudo está bem (hino), o questionamento e a procura do homem pela solução diante das aflições (lamento) e o louvor do homem à Deus por causa das respostas obtidas (ações de graças) (Van Pelt, 2024, p. 558).

1.1. Os salmos e a poesia hebraica

O livro de salmos faz parte do gênero poesia e, por isso, expressões de sentimentos como medo, consolo, raiva e encorajamento, são manifestadas de forma poética por meio de orações e cânticos. Essas orações direcionadas a Deus revelam as profundezas da alma do homem, pois a construção de um texto poético vai além da simples descrição linear de fatos, expressando verdades de maneiras marcantes e envolvendo os sentimentos humanos e as emoções, criando uma certa beleza na forma do texto, fazendo com que seja necessário compreender o sentimento do autor para entender o motivo de expressar-se daquela maneira (Won, 2020, p. 201)⁶, por isso, é necessário entender como a poesia relaciona-se com as emoções humanas, como afirmam Lasor, Hubbard e Bush: “A poesia apela mais à imaginação

⁶ Ver, também: CATE, L. **Robert. Introducción al Estudio del Antiguo Testamento**, 1990, p. 395.

e à emoção humana que à razão. Uma vez que até certo ponto a forma da poesia controla a mensagem, o leitor deve avaliar seriamente essa forma antes de compreender seu conteúdo” (Lasor; Hubbard; Bush, 2002, p. 249).

Tendo em vista essa ideia, é preciso observar que a construção da poesia hebraica se dá de maneira diferente da era atual, pois enquanto o foco desta está voltado, principalmente, para a construção das rimas entre as palavras, naquela o enfoque está na estrutura de construção da poesia, no entrelace das ideias. Este entrelaçar de ideias está contido naquilo que é chamado de paralelismo. Robert Lowth define o paralelismo dizendo que ele é marcado por uma correlação existente entre versos ou linhas, sendo que essa correlação se dá de maneira que uma unidade é emitida e, a partir dela, uma segunda é relacionada, podendo ser extraída da mesma ideia ou sendo uma ideia equivalente ou contrastante na construção gramatical (Lowth apud Kaiser; Silva, 2014, p. 121).

O paralelismo é, então, dividido em três tipos diferentes: o sinônimo, que consiste na repetição do pensamento da primeira linha na segunda, mas sem alterações grandemente significativas (e.g. Sl 3.1 e Pv 1.20); o antitético, que consiste no contraste das ideias da primeira e da segunda linha (e.g. Sl 1.6 e Pv 10.1); e o sintético, que consiste em uma construção mais artificial, sem haver uma repetição ou um contraste de ideias (Kaiser; Silva, 2014, p. 121).

Por mais que o paralelismo seja de grande importância para a poesia hebraica, Kaiser (2014) afirma que “muitos poemas bíblicos exibem um paralelismo muito fraco ou absolutamente nenhum. Além do mais, algumas formas da prosa hebraica mostram uma simetria que poderia ser classificada como paralelismo.” (Kaiser; Silva, 2014, p. 123). Assim sendo, é importante compreender outros elementos que estão presentes na construção da poesia como a concisão, que consiste na capacidade de fazer declarações de maneira resumida (e.g. Na 3.2-3), a concretude, característica que demonstra a natureza real dos elementos utilizados na poesia (e.g. Jz 5.25-27), e imagística, relacionada à numerosa utilização de figuras de linguagem para ilustração na poesia (Won, 2020, p. 202).

Os Salmos também apresentam algumas outras características como, salmos acrósticos, em que uma letra do alfabeto hebraico é colocado no início de cada salmo (e.g., Sl 119); outra característica é o inclusio, a construção de um salmo que inicia e termina da mesma maneira (e.g., Sl 136); e ainda existem os arranjos quiásticos, arranjos em que as informações estão cruzadas (e.g., Sl 1.4-5) (Won, 2020, p. 208).

1.2. Questões interpretativas dos Salmos

Os salmos possuem características formais, que os tornam distintos entre si. Ademais, cada salmo, também, tem sua própria forma de organização e, por isso, é importante manter o foco na compreensão da estrutura como introdução, repetição, transição de ideias, paralelismos, entre outros, que fará o leitor perceber o desenvolvimento do conteúdo e o enfoque do salmista em cada parte do texto.

Fee e Stuart observam que não é prudente manipular o texto bíblico dos Salmos retirando-os do seu contexto original, pois os salmos possuem uma unidade textual em suas passagens, por isso, “devem ser tratados como totalidades, e não fragmentados em versículos ou aforismos esparsos (como acontece muitas vezes com os provérbios) [...], quando você ler um determinado salmo, aprenda a seguir seu fluxo e equilíbrio” (Fee; Stuart, 2011, p. 252), ou seja, cada salmo, por mais que enquadrado em categorias comuns e utilizarem das estruturas e figuras poéticas, possuem sua individualidade, haja vista terem sido escritos por autores diferentes.

É importante ressaltar que os salmos, por mais que tratam de diversos temas e evocam diversas imagens nas mentes dos leitores, não garantem uma promessa de que a vida será exatamente como está escrito. O objetivo é a descrição da vida utilizando a arte das palavras. Fee e Surat afirmam que existe um equívoco ao tratar a linguagem dos salmos como com literalidade em excesso, pois a vida agradável não está garantida ali e ainda ressaltam que “Davi, que expressa nos Salmos a bênção de Deus nos tempos mais enfáticos, viveu uma vida cheia de tragédias e decepções quase constantes [...] (Fee; Stuart, 2011, p. 268).

2. Interpretação do salmo 91

O salmo 91 está entre os versos que se tornam famosos por causa da maneira como seu conteúdo é colocado. Nele, pode-se encontrar uma fonte de revigorante para a fé, como disse Spurgeon (2005): “Aquele que pode viver no espírito do salmo 91 será destemido, mesmo que as cidades sejam assoladas por pestes e pragas, e os túmulos se encham de carcaças (Spurgeon, 2005, p. 239).

Nos dois primeiros versos, o salmista traz uma declaração acerca de Deus, apontando quem Ele é, revelando sua própria convicção em Deus, como afirma Derek Kidner ao dizer que o texto mostra quatro metáforas para afirmar a segurança em Deus (são elas: “esconderijo do Altíssimo”, “sombra do Onipotente”, “refúgio” e “fortaleza”) e refere-se à Ele utilizando nomes

distintos, demonstrando como Deus é aquele que: está acima de qualquer problema ou ameaça (altíssimo), sustentava os patriarcas durante as peregrinações em terras estrangeiras (Onipotente ou Shaddai no hebraico) e revelou-se a Moisés como o ‘Eu SOU’ (Javé); a fé do salmista é demonstrada no início do verso 2, que no texto em hebraico está registrado como ‘Direi ao Senhor’ (Kidner, 1998, p. 354), ou seja, o escritor do salmo aponta que existe segurança e descanso em Deus, no qual ele confia e em quem busca o refúgio.

Como já mencionado anteriormente, a poesia não é interpretada como a prosa, pois seu diálogo não é simplesmente com a razão humana, mas com as emoções, por meio de palavras que criam um cenário imaginativo no leitor. Assim sendo, o salmista faz exatamente isso dos versos 3 ao 8, trazendo metáforas como laço que aprisiona, asas que protegem e terrores diurnos ou noturnos. Calvino diz que o verso 3 vai complementar aquilo que foi dito anteriormente, pois o salmista irá fazer a exposição de sua confiança em Deus, deixando claro que nada do que disse era uma ilusão, e demonstrado como Ele protege os seus de diversos tipos de mal (Calvin, 1999, p. 288), por isso a figura do caçador⁷ com o laço e a peste que pode tirar a vida. Kidner compara as duas imagens criadas pelo salmista como sendo, respectivamente, “[...] enredos que poderiam complicar nossos negócios (140:1-5) ou comprometer nossa lealdade (119:110)” (Kidner, 1998). Isso reforça a ideia de que o salmista estava buscando mostrar que Deus pode ser a segurança mesmo diante de males inimagináveis.

No verso 4, o salmista refere-se a Deus como aquele que protege utilizando suas asas e penas, uma figura que pode ser encontrada em outras passagens do Antigo Testamento, como Rute 2.12, Salmo 61.4 e 63.7, para representar a proteção e o cuidado divino. Calvino (1999) diz que essa passagem mostra a tendência divina de estar atento aos Seus e cuidar deles de maneira especial, de forma que a imagem da galinha ou de outras aves, que abrem suas asas e as colocam sobre seus filhos, demonstra a acomodação divina à finitude e fraqueza humanas, trazendo os homens para próximo dEle (Calvin, 1999, p. 289). Matthew Henry (s.d.) afirma que esse terno cuidado das asas protetoras é complementado com a resistência do escudo, ou seja, as asas são uma demonstração de afetos acolhedores por parte de Deus e o pavês demonstra que Ele, também, está protegendo o seu povo como um homem em guerra.

Nos versos de 5 ao 8 é possível observar o salmista utilizando um recurso linguístico chamado polissíndeto, que consiste na ligação de palavras em série por meio de uma conjunção,

⁷ A versão NVI traz o termo “caçador” ao invés de “passarinheiro”, como está registrado em versões como ARC e ARA.

neste caso a conjunção negativa ‘nem’ (no 5 e 6), criando um movimento progressivo no texto e mostrando que as calamidades, demonstradas nas abstrações apresentadas nos versos, podem ser apresentadas de maneiras diferentes e causarem medo, e a sensação de não haver segurança, mas nenhuma delas pode ser maior do que Deus (Calvin, 1999, p. 290); também, pode ser observado (no verso 7) a utilização de sinônimos como ‘mil’ e ‘dez mil’, os quais, segundo Lasor; Hubbard; Bush, eram comuns na literatura do Antigo Oriente Próximo (Lasor; Hubbard; Bush, 2002, p. 256-267); assim como pode ser visto (verso 8) que o salmista além de falar sobre a proteção de Deus utilizando abstrações para revelar os diversos males, apresenta, também, uma visão de triunfo sobre os homens maus ou, como disse Calvino, Deus como o justo juiz que pune os ímpios por conta de seus pecados, mas dá a segurança para seus filhos (Calvin, 1999, p. 291).

No verso 9 e 10, o salmista reafirma sua confiança em Deus, como fez no início do verso 2, e diz que Deus é o seu refúgio e habitação (verso 9), demonstrando que sua real segurança está nEle. Matthew Henry (s.d.) comenta que é dever do fiel viver com Deus, confiar nele, depender dele, tê-lo como sua habitação, na qual não há perigos iminentes e nem perturbações (Henry, [s.d.]), ou seja, o salmista está intimando seu leitor a depositar sua confiança em Deus, assim como ele mesmo tem feito. Isso é demonstrado a partir do verso 11, pois o salmista inicia com a afirmação de que o mal não tocará a tenda daquele que depositou sua confiança em Deus.

No verso 11, o salmista introduz no texto a figura dos anjos. Calvino ressalta que para afastar os temores humanos e fortalecer a fé, Deus envia seus anjos. Esse envio compreende a benevolência Divina, sinalizada com sinais concretos. A proteção pode ser lida no salmo de maneira figurada, como sombra protetora, escudo, fortaleza. Inclusive uma imagem familiar do cuidado da galinha com seus filhotes debaixo de suas asas. A presença de Deus na vida do crente não apenas inspira confiança, mas é apresentada como uma fortaleza e um escudo protetor (Calvin, 1999, p. 292).

Quando são insuficientes as tentativas de nos encorajar, o salmista faz menção dos anjos. O reformador observa que a missão angelical precisa ser vista como ministério de Deus a favor do Seu povo para guardar, prestar assistência nas debilidades e vigiar particularmente cada servo. “Há um anjo para várias nações inteiras, e, ao mesmo tempo, vários anjos para proteger um só homem” (Calvin, 1999, p. 292). Ele cita o Salmo 34.7, afirmando que o Anjo do Senhor se acampa ao redor dos que são tementes a Deus, como também o texto de 2 Reis

6.16, onde a visão do servo de Eliseu foi aberta e pode contemplar o exército de anjos em volta da cidade.

A doutrina sobre os anjos deve fortalecer nossa fé em Deus e na providência de Seus cuidados. Foi “Cristo” – e somente Ele – que removeu a causa da separação, reconciliou os anjos conosco, esse sendo ofício próprio, como observa o apóstolo (Ef 1.10), reunir em um só todas as coisas que estavam dispersas, “tanto no céu como na terra” (Calvin, 1999, p. 293). No comentário há o reforço que a proteção ocorra “em todos os caminhos”, isto é, em todas as circunstâncias. Porém o versículo não pode ser aplicado com a intenção de tentar ao Senhor tomando atitudes e decisões imprudentes, irresponsáveis e inconsequentes. O reformador comenta que Satanás ao tentar Cristo após seu jejum prolongado, omitiu a cláusula para distorcer a palavra e induzi-lo a agir contrário à vontade do Pai (Calvin, 1999, p. 293).

É relevante o comentário do teólogo quanto a função dos anjos: “Os anjos não apenas vigiam, mas também sustentam os crentes em suas mãos, para que não tropecem em alguma pedra. Essa imagem reforça que eles atuam como ministros de Deus, executando sua ordem para a preservação dos fiéis” (Calvin, 1999, p. 293). Desta forma, a doutrina dos anjos precisa servir de segurança, consolo e esperança, sempre reconhecendo que tudo provém, inclusive essa proteção, única e exclusivamente da providência de Deus.

No verso 12, a interpretação de Calvino ancora-se no socorro providencial de Deus, por meio do ministério angelical. Os anjos não atuam somente quanto a vigilância dos crentes, socorrem-nos, dando sustento aos seus passos, como se estivessem carregando-os pelas mãos. Desta maneira, João Calvino enfatiza que a linguagem do salmista não é hiperbólica. Antes, dá evidências da completa incapacidade humana de vencer sozinho as dificuldades e lutas espirituais. Defende seu argumento de que se fôssemos depender exclusivamente das forças pessoais, jamais superaríamos os obstáculos que satanás a todo tempo coloca diante de nós. Assim, os fiéis precisam ser convictos de que sua preservação só é garantida pela graça de Deus, que os guardam por meio dos seus anjos.

Além disso, Calvino destaca que através da permissão de Deus para que o crente tropece, e talvez até caia, há o propósito de revelar para ele sua fraqueza e total dependência do Senhor. Embora não permita que os fiéis sejam totalmente vencidos ou esmagados, é como se o próprio Deus colocasse “a sua mão debaixo de nós e nos sustentasse” (Calvin, 1999, p. 293). Nesse verso, segundo Calvino, dois pontos são evidenciados: a ação protetora de Deus e a incapacidade humana, revelando que a vitória espiritual do servo de Cristo pertence a Deus e atuação angelical.

No verso 13, de acordo com Calvino, esse versículo expressa a mesma verdade que fora expressa anteriormente. A garantia da preservação dos fiéis em meio aos perigos, em termos diferenciados. Calvino emprega figuras de animais como leão, serpente, dragão e outros - representando os obstáculos e tentações que Satanás coloca no caminho do crente. Os termos hebraico *pethen* e *shachal*, que são traduzidos por “áspide” e “leão”, respectivamente, retratam a letalidade e peculiaridade dos perigos que o crente enfrenta. Deste modo, não é pela coragem do homem que a vitória é alcançada, mas somente pelo livramento sobrenatural concedido por Deus. O comentário de Calvino do verso 13 retrata não somente uma proteção passiva, mas, um triunfo ativo; além dos fiéis sobreviverem mediante os ataques malignos, também os vencem pelo poder do Senhor.

No verso 14, Calvino, aborda que uma fé genuína se fundamenta no verdadeiro conhecimento de quem Deus é, não somente em uma vaga esperança. Segundo o reformador o salmista ao fazer o registro da promessa Divina, ratifica que a segurança do povo de Deus não é baseada em sentimentos subjetivos, mas na providência divina que confirma Sua proteção.

Um ponto muito importante a ser considerado é o uso do verbo hebraico *Chashak* que transmite a ideia de um profundo apego, intenso amor e ligação voluntária, seja de Deus para com seus servos, ou do homem para com Deus. Para Calvino, esta expressão demonstra uma confiança verdadeira sobrepujando a expectativa de livramento, envolvendo ternura, afeição, amor e dependência constante no Senhor.

É o conhecimento correto de Deus o que gera confiança autêntica levando o homem a invocá-lo com sinceridade, desembaraçado de idolatria ou vagas percepções. Segundo Calvino, aqueles que se aproximam de Deus com entendimento e fé encontram nEle não apenas um protetor, mas também o salvador que estende Sua mão mesmo em meio à morte e destruição.

No verso 15, Calvino faz uma explicação mais clara do significado da confiança em Deus: depositar nEle amor e deleite. Esse afeto gerado pela fé, leva o crente a invocar piedosa e sinceramente o nome do Senhor. Assim, “a oração se apresenta como evidência de uma fé genuína, fundamentada não em esforços humanos, mas na própria palavra de Deus” (Calvin, 1999, p. 296).

É ressaltado pelo reformador que não temos liberdade para buscarmos a Deus mediante nossos próprios impulsos e volições, mas somente conforme Ele mesmo nos convida e nos atrai para Si mesmo. Por isso, a fé não é passiva ou inativa, mas uma confiança dinâmica manifestada na prática da oração; ele observa ainda que um dos critérios avaliativos da autenticidade da fé,

é verificando se o indivíduo recorre a Deus de maneira correta diante das adversidades e desafios da vida.

Enfatiza também Calvino que a vida cristã não é isenta de dificuldades, tribulações ou sofrimentos. Deus não promete aos seus servos uma existência marcada de facilidades e luxo, mas garante sua presença e libertação em meio as provações. Segundo Calvino, o chamado a oração não é um mecanismo de fuga, mas uma demonstração de dependência constante daquele que reconhece em Deus o único refúgio seguro.

No verso 16, Calvino observa que essa promessa de longevidade terrena não deve ser compreendida para todos os fiéis, mas como uma expressão da bondade de Deus. O criador conforme Sua providência, concede vida, sustento, longevidade conforme lhe apraz e segundo Sua vontade. Assim a longevidade aponta para a suficiência da vida abençoada por Deus do que a contagem numérica de anos.

Segundo o reformador, é a presença de Deus na vida do crente a razão de uma vida plena, independente das tribulações que esteja enfrentando. Não é a extensão temporal da existência que assegura a verdadeira satisfação, mas a comunhão com seu criador e a segurança da sua salvação. Nesse sentido, a promessa final transcende as linhas da vida presente, projetando-se para eternidade.

Conforme comentário do reformador, a bênção da longevidade deve ser vista como privilégio peculiar do povo de Deus, mas não como absoluto, uma vez que muitos servos fiéis são retirados cedo da vida. A suficiência da promessa é cumprida na garantia de que, vivendo muitos ou poucos anos, os filhos de Deus experimentam a bondade paterna do Senhor, culminando na revelação plena de sua salvação em Cristo.

Considerações finais

Conforme observado, é importante saber fazer uma correta interpretação dos salmos e, para isso, deve-se considerar o gênero literário empregado, bem como as características que acompanham o mesmo. Assim, o Salmo 91, considerando o gênero de poesia dentro da Bíblia, emprega diversos recursos para expressar a mensagem da confiança em Deus, entretanto, não trazendo, uma confirmação de que, em todos os momentos da vida, aquele que confiar em Deus estará livre das aflições, pois isso seria incompatível com outras narrativas bíblicas, mas mostrando, por meio de diversas imagens, o ponto central de que é possível ter Deus como um refúgio, onde aquele que crê pode buscar depositar sua fé nele e saber que dele provém confiança diante das adversidades da vida.

É importante ressaltar que tratar o texto com uma literalidade que desconsidera a maneira como as palavras são utilizadas e as ideias são construídas na poesia faz com que a interpretação do salmo seja feita de forma indevida, pois expressões como pestes ou pragas que assolam, “mil cairão ao teu lado”, “Pisará o leão e a áspide”, entre outras, não estão lá para afirmar o que, literalmente, acontecerá na vida de quem tem a mesma fé do salmista, mas para demonstrar, de maneira poética genérica, situações do cotidiano que podem assolar a vida de qualquer pessoa.

Referência bibliográficas

BÍBLIA. Português. **Nova Versão Internacional**. Bíblia On-line, 2024. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/129/PSA.41.NVI>. Acesso em: 05 mai. 2025.

CALVIN, John. **Commentary on Psalms**. vol 3. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 1999, p. 288. Disponível em: <http://www.biblestudyguide.org/ebooks/comment/calcom10.pdf>. Acesso: 27 ago 2025.

CATE, L. Robert. **Introducción al estudio del Antiguo Testamento**. Casa Bautista de Publicaciones, 1990.

COENEN, Lorthan; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Vol. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que lê?: Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HENRY, Matthew. **Commentary on the Whole Bible**. Vol. 3. Disponível em: <https://www.ccel.org/ccel/henry/mhc3/mhc3.Ps.xcii.html>. Acesso: 28 ago. 2025.

KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica**. Cultura Cristã: 2014.

KIDNER, Derek. **Salmos 73-150: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

LASOR, William S.; HUBBARD, David A. e BUSH, Frederich W. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

SPURGEON, Charles H. **Esboços de Salmos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

VAN PELT, Miles V. (Org.). **Introdução bíblico-teológica ao Antigo Testamento**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2024.

WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M. e MOORE, Erika. **Os salmos como adoração cristã: um comentário histórico**. São Paulo: Shedd Publicações, 2015.

WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens**: uma introdução à Bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.